

2 Fundamentação teórica

A fundamentação teórica em que me baseio para analisar a idiomaticidade das cores em vocábulos e expressões da língua portuguesa no Brasil é apresentada nas **Considerações** que faço sobre (1) palavra, vocábulo, léxico; (2) idiomatismo, expressões idiomáticas e idiomaticidade; (3) recursos linguísticos e culturais para alcançar a compreensão da idiomaticidade; e (4) o ensino do tema aqui analisado aos alunos de PL2/PLE. A ideia de desmembrar o tema em partes é apenas uma estratégia que visa à praticidade e à clareza da análise.

Falar, pois, isoladamente, sobre as cores ou vocábulos ou expressões ou léxico ou idiomaticidade ou uso é criar fronteiras inexistentes entre campos que por natureza se entrelaçam. Do mesmo modo, as correntes teóricas sobre as quais se sustentam as minhas reflexões têm conceitos lexicais, semânticos, pragmáticos, culturais que se interrelacionam.

Assim, em **Considerações** sobre (1) palavra, vocábulo, léxico, sobressaem-se a teoria léxico-semântica de Biderman (2005) e a lexical de Basilio (2007); (2) expressões idiomáticas, idiomatismo e idiomaticidade são as teorias semântico-pragmáticas de Tagnin (1989), Nattinger (1992) e Biderman (2005); (3) recursos linguísticos e culturais para alcançar a compreensão da idiomaticidade são os conceitos semântico-pragmático-culturais de Ullmann (1967), Tagnin (1989), Nattinger (1992) e Pastoureau (1997); (4) o ensino do tema aqui analisado aos alunos de PL2/PLE é o conceito de Nattinger (1992).

Há, ainda, permeando as **Considerações** (1) e (2), definições de Camara (2007) e dos dicionários da língua portuguesa, Houaiss (2001) e Hollanda (2004), sendo que estes últimos não registram o termo *idiomaticidade*.

2.1 Considerações sobre *palavra, vocábulo, léxico*

Para Basilio (2007), a *palavra* ou item lexical é uma unidade linguística que representa conceitos e que se utiliza para formar enunciados. Ela é constituída de morfemas ou afixos – prefixos e sufixos – e raiz. Em *avermelhar* tem-se *avermelh-* (raiz), prefixo *a-* e sufixo verbal *-ar*. Na língua escrita, *palavra* se

define como qualquer sequência que ocorre entre espaços e/ou sinais de pontuação; já na língua falada, é mais difícil defini-la porque não é natural fazer pausa depois de cada palavra pronunciada. Em *passar em branco*, pronuncia-se “passáinbranco”, desprezando-se, obviamente, o *r* final do infinitivo, ampliando a tonicidade de *passar* para uma nova sílaba “-ssáin” e criando, aparentemente, uma outra/nova palavra. Este fato deve ser observado no ensino de PL2/PLE, pois pode gerar confusão para o aprendiz.

Basilio faz ainda a distinção entre duas palavras diferentes e duas formas da mesma palavra. Segundo ela, essa distinção é atribuída à diferença entre flexão e derivação. Nos exemplos *amarelar*, *azular* e *avermelhar*, todos são verbos e derivam dos adjetivos *amarelo*, *azul* e *vermelho*, isto é, *amarelo* e *amarelar* são duas palavras diferentes, assim como *azul* e *azular* e também *vermelho* e *avermelhar*. Já *amarelo*, *amarelos*, *amarelaa*, *amarelas* são formas diferentes da mesma palavra, com flexão de gênero e número, o mesmo acontecendo com *azul*, *azuis* e *vermelho*, *vermelhos*, *vermelhaa*, *vermelhas*.

Também em Houaiss (2001), a flexão não é sinônimo de um novo significado; ele define *palavra* como uma unidade pertencente a uma das grandes classes gramaticais – substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, numeral etc. –, não levando em conta as modificações que nela ocorrem nas línguas flexionais e sim, somente, o significado, o vocábulo.

Para Mattoso Camara (2007), *palavras* são *vocábulos* lexicais ou vocábulos providos de significação externa concentrada no radical. Nos exemplos anteriores, os radicais *amarel-*, *azul-* e *vermelh-* mantêm, originariamente, uma relação de significado com o amarelo, o azul e o vermelho. O mesmo acontece em *verdinhas*, a cujo radical, *verd-*, adiciona-se o sufixo diminutivo *-inhas*, sempre flexionado no feminino plural e mantendo a mesma classe gramatical – adjetivo –. Assim como nos exemplos anteriores (*amarelo* e *amarelar*, *azul* e *azular*, *vermelho* e *avermelhar*), *verde* e *verdinhas* são duas palavras diferentes. Com o estudo que ora faço, observo um afastamento total ou parcial dessa significação originária, ou seja: *amarelar* equivale a não ter coragem para fazer algo; *azular*, a desaparecer de circulação; *avermelhar*, a ser partidário de idéias comunistas (cor representativa, o vermelho); e *verdinhas*, a cédulas de dólares norte-americanos, de cor verde.

Diferentemente dos exemplos anteriores, em *alvinegro roxo* não há o envolvimento de um afixo (prefixo ou sufixo), e sim a junção de uma base de sentido à outra, para formar uma palavra composta: *alvo* + *negro* (adjetivo + adjetivo, composição por aglutinação), que se refere ao torcedor de um time brasileiro de futebol, identificado pelas cores branca e preta (Vasco, Botafogo, Corinthians, Atlético Mineiro, Bragantino, Santos).

Segundo estas fontes, *palavra*, *vocábulo*, item lexical, unidade lexical, signo linguístico são termos equivalentes.

Quando se trata de *léxico*, o termo está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato linguístico da memória humana, o *léxico* é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético das *palavras* – os signos linguísticos –. Ele inclui unidades muito heterogêneas, desde monossílabos e *vocábulos* simples até sequências complexas formadas de vários *vocábulos* e mesmo de frases inteiras, como é o caso de *À (De) noite todos os gatos são pardos* e de muitas outras expressões idiomáticas e provérbios (Biderman, 1996, *apud* Zavaglia, 2006).

Basilio (2007) define *léxico* como um depósito de signos construídos que corresponde simultaneamente a um conjunto de formas já feitas e a um conjunto de padrões em formação. É o que, de um modo geral, se chama conjunto de vocábulos de uma língua. Para o aprendiz de PL2/PLE, o léxico vai sendo adquirido aos poucos, e para conhecer o significado das palavras é preciso também conhecer o contexto cultural no qual elas se inserem, bem como as situações em que são usadas.

Diferentemente do falante nativo, o aluno de PL2/PLE, além de ter que se familiarizar com os fatos regulares da língua (flexões, desinências, conjugações, etc), ainda tem que estar atento a estruturas novas e a novas mobilidades de significado.

Sobre essa mobilidade semântica da língua, a tradição gramatical, segundo Ribeiro¹, diz que raro é haver na língua um vocábulo com um sentido só, correspondendo a uma só ideia. Os vocábulos substituem-se em seus sentidos, irradiam uns para os outros, encandeiam-se.

¹ Não há referência na obra consultada sobre o ano de sua publicação.

Diz ainda a tradição gramatical, segundo Bueno (1956), que todos os movimentos sociais, científicos, literários, religiosos, políticos, etc., do povo determinam alterações no idioma, criando palavras novas ou modificando o sentido de vocábulos antigos, e aponta como sendo históricas e psicológicas as causas dessas alterações de significado. Ou seja, toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras.

Na expressão *Comando Vermelho* existe, por exemplo, a conotação política, na medida em que a cor denota violência, revolução, justiça paralela.

Foucault (1985) afirma que no âmago da linguagem falada como da escrita, o que se descobre é o espaço retórico das palavras, e que elas, quaisquer que sejam, são nomes adormecidos. Assim, poder-se-á dizer que as palavras que denominam as cores, atribuídas desse sentido primeiro, adormecido, acordam, de repente, para novos significados, ocupando um novo espaço retórico, como já se viu nos exemplos destacados anteriormente.

2.2

Considerações sobre expressões idiomáticas, idiomatismo, e idiomaticidade

Os estudos sobre o comportamento linguístico das *expressões idiomáticas* têm demonstrado que não existe um consenso acerca dos critérios teóricos para o reconhecimento dessas unidades complexas de um idioma. Pode-se dizer que, sob uma ótica tradicional, as *expressões idiomáticas* são definidas como unidades fixas de palavras, com um significado igualmente fixo e distinto daquele composto a partir da soma de seus elementos.

Hollanda (2004) define *idiomatismo* como *expressão idiomática*, isto é, uma sequência de palavras que funcionam como uma, ou idiotismo ou expressão própria de uma língua.

Para Houaiss (2007), é sinônimo de idiotismo, locução própria de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa linguagem de estrutura análoga, já que não tem um significado dedutível da simples combinação dos significados dos elementos que a constituem.

Camara (2007) também define, em sentido estrito, *idiomatismo* ou idiotismo como construções vocabulares e frases que não se prestam a uma análise satisfatória na base dos valores atuais da língua, porque resultaram de fenômenos de analogia e atração e só se explicam à luz da história da língua. Ressalta ainda os idiotismos locucionais, cuja significação não decorre da dos vocábulos componentes e da sua articulação sintática.

Tagnin (1989) chama *expressão idiomática* de *estrutura idiomática*, quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um dos seus elementos. Ressalta, entretanto, que o aspecto idiomático da expressão (a *idiomaticidade*, analisada mais à frente) pode existir em maior ou menor escala.

Nattinger (1992) define *expressões idiomáticas* como formas sintáticas cristalizadas, cujos significados não derivam dos significados dos seus constituintes. Chama-lhes também, assim como aos provérbios e aos clichês, linguagem pré-fabricada ou padronizada. Acrescenta, entretanto, que o que constitui uma padronização ou não é a quantidade de variação lexical envolvida - do mais invariável ao menos invariável. Ou seja, assim como em Tagnin, há expressões com maior ou menor grau de *idiomaticidade*.

Xatara e Oliveira (2002), segundo Zavaglia (2006), definem *idiomatismo* ou *expressão idiomática* como toda lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural. As autoras afirmam ainda que tal lexia ou unidade locucional ou frasal constitui uma combinatória fechada, não permitindo em sua grande maioria operações de substituição no eixo paradigmático.

Biderman (2005) refere-se a *expressões idiomáticas* como o caso mais extremo de unidade complexa e heterogênea do léxico: são combinatórias lexicais de constituintes indissociáveis, não permitindo associação ou acréscimo de um elemento. São também semanticamente opacas, ou seja, seu significado não depende do sentido de cada um dos seus componentes. Afirma ainda que tais combinatórias são sequências cristalizadas, fruto da herança cultural registrada na memória coletiva de seus falantes.

Das fontes consultadas passa-se a observar três aspectos: (1) os traços comuns identificadores de *expressões idiomáticas* ou *idiomatismos*; (2) a grande

quantidade de termos para designar *expressões idiomáticas*; (3) os traços que, em alguns dos autores consultados, apontam diferenças na identificação dessas expressões, ampliando ou mudando ligeiramente o leque de suas características.

Desenvolvo a seguir algumas reflexões sobre cada aspecto observado.

Em relação ao primeiro, do ponto de vista gramatical/morfológico, *expressões idiomáticas* são sequências de palavras que funcionam como uma (Hollanda 2004); locuções próprias de uma língua (Houaiss 2007); construções vocabulares e frasais, idiotismos locucionais (Camara 2007); formas sintáticas cristalizadas ou linguagem pré-fabricada, padronizada (Nattinger 1992); lexias complexas ou unidades locucionais ou frasais (Xatara e Oliveira 2002, segundo Zavaglia 2006); combinatórias lexicais de constituintes indissociáveis (Biderman 2005).

Do ponto de vista sintático/semântico, a ênfase dos autores consultados está no fato de serem construções fechadas, cujo significado não se dá a partir da combinação dos significados dos elementos que as compõem, ou seja, de interpretação semântica não literal. Xatara e Oliveira (2002), segundo Zavaglia (2006), e Biderman (2005) afirmam que as *expressões idiomáticas*, em sua grande maioria, não admitem associações ou substituições paradigmáticas.

Do ponto de vista cultural/pragmático, Camara (2007) e principalmente Xatara e Oliveira (2002), segundo Zavaglia (2006) e Biderman (2005) afirmam que as *expressões idiomáticas* só se explicam e se consagram à luz da história da língua e da cultura de seu povo.

Com os exemplos apresentados a seguir pretende-se ilustrar a teoria consultada e as reflexões feitas:

- *À (De) noite todos os gatos são pardos.*
- *Ver passarinho verde.*
- *Receber bilhete azul.*
- *Passar em brancas nuvens.*

Do ponto de vista gramatical/morfológico, estas sequências de palavras possuem características comuns: contêm basicamente uma combinação de

verbo + nome. A primeira, entretanto, traz o verbo (*são*) no presente do indicativo e, diferentemente das demais, não admite mudanças de tempo, modo e pessoa.

- À (De) noite todos os gatos são pardos.
(Expres. Adv.) (Expres. Nominal) (Verbo) (Nome)
*À (De) noite todos os gatos serão pardos.
- Ver passarinho verde.
(Verbo) (Nome)
Ela viu passarinho verde.
- Receber bilhete azul.
(Verbo) (Nome)
Metade dos funcionários da empresa vai receber bilhete azul.
- Passar em brancas nuvens.
(Verbo) (Prep.) (Nome)
O Dia Internacional da Mulher vai passar em brancas nuvens?

Na maioria das vezes, tais combinações correspondem, na verdade, a uma só palavra, com valor adjetivo, e assim, já nos planos sintático/semântico/pragmático, observar-se-á como os exemplos dados atuam no discurso: a situação exige que qualquer atitude seja muito clara e bem pensada, pois à (*de*) *noite todos os gatos são pardos*.

Dentro das unidades complexas do léxico, esta é uma expressão proverbial, ou seja, seu significado tem um caráter de generalidade, de alusão, de aviso ou convite à reflexão para o falante. É como dizer que a situação oferece ambiguidade, confusão e por isso exige cautela, pois pode tornar-se perigosa: uma situação *ambígua*, *confusa*, *perigosa*. Nestes adjetivos está o significado da *expressão idiomática*, significado este que não é o da soma dos significados dos elementos que a compõem, ou seja: em *À (De) noite todos os gatos são pardos* não se está fazendo referência à característica da cor parda em todos os gatos à noite. Observe-se ainda que a expressão analisada é uma unidade fraseológica, ou seja, não admite substituições para seus componentes:

- *De dia alguns gatos são pardos.

- *De noite todos os gatos são pretos.
- *De noite nenhum gato é branco.

Comportamento semelhante acontece com os outros exemplos apresentados:

- – Nossa! O que foi que houve? Nunca te vi assim! Você viu *passarinho verde*?
- Com a crise global há muita gente *recebendo bilhete azul*.
- O aniversário dele *passou em brancas nuvens*.

No primeiro, não é sobre um pássaro verde, um papagaio, que se vê ou quer falar, e sim sobre um estado de alegria e agitação desmedida, o que equivale a dizer: você está tão *alegre, agitado, eufórico*. No segundo exemplo, não se trata de receber um papel de cor azul, e sim de ser *demitido*. No último, o significado dos componentes da expressão não se refere a um céu limpo, azul, com nuvens brancas, dia claro, e sim ao fato de que o aniversário foi *esquecido*, não foi *festejado*.

Vale observar que nestes dois últimos exemplos, as palavras *demitido*, *esquecido*, *não-festejado* são verbos no particípio passado e que este tempo verbal, também chamado de forma nominal juntamente com o gerúndio e o infinitivo, tem, muitas vezes, força adjetiva.

As três expressões também não admitem possibilidade de substituição por associação paradigmática, a saber:

- *ver passarinho azul
- *ver passarinhos verdes
- *olhar pássaro verde
- *receber papel azul
- *receber carta azul
- *passar em nuvens brancas
- *passar em negras nuvens

O significado dessas expressões, como se sabe, não lhes é intrínseco. Tem suas raízes ligadas a alguma situação motivacional que deu origem à sua criação, muitas vezes num passado remoto e difícil de resgatar. É, pois, construído a partir da cultura em que vive o sujeito falante da língua, e sua criação demonstra novos conceitos que ele tem sobre o mundo, novos modelos mentais e novas formas de difundí-los. Uma vez que esse significado é aceito, reconhecido e usado pelo falante, a sua fixidez e cristalização dificilmente será quebrada, já que na origem de tal *idiomatismo* existe esse dado cultural, motivacional, que não será modificado tão cedo.

Para se identificar uma *expressão idiomática*, segundo as fontes consultadas, deve-se considerar, portanto, três características básicas: a indecomponibilidade da construção vocabular, a interpretação semântica não-literal, a legitimação de um significado estável reconhecido, aceito e usado amplamente pelos falantes.

No que diz respeito ao segundo aspecto mencionado acima, é grande a quantidade de termos que designam *expressões idiomáticas*, a saber, unidades complexas do léxico, idiotismos, idiomatismos locucionais, lexias complexas, combinatórias fixas, sequências cristalizadas, linguagem pré-fabricada, unidades fraseológicas, e outros. Parece, pois, haver um problema de ordem terminológica ou uma discordância dos pesquisadores no que se refere à denominação de tais expressões.

Finalmente, quanto ao terceiro aspecto, observam-se os traços que, em algumas das fontes consultadas, apontam diferenças na identificação das *expressões idiomáticas*, ampliando ou modificando ligeiramente o leque de suas características, citadas anteriormente.

Tagnin (1989) diz, por exemplo, que existem as expressões menos idiomáticas e as totalmente idiomáticas. Existe, então, um matiz de significado que vai do pouco idiomático ao muito ou totalmente idiomático. Nattinger (1992) diz também que o aspecto idiomático de uma expressão é quantificável.

Xatara e Oliveira (2002), segundo Zavaglia (2006), afirmam que as *expressões idiomáticas* não permitem em sua grande maioria operações de substituição no eixo paradigmático. Deduz-se, então, que é possível, embora em

minoria, haver nas *expressões idiomáticas* operações de substituição no eixo paradigmático.

Biderman (2005) refere-se a *expressões idiomáticas* como o caso mais extremo de unidade complexa e heterogênea do léxico. Se há casos mais extremos de unidades complexas, outros haverá, menos extremos.

As reflexões feitas pelos e sobre os autores mencionados têm respaldo nas pesquisas de Fraser (1970), segundo Leme (2008), que, ao explorar o caráter variável e transformacional das *expressões idiomáticas*, fez surgir uma nova tendência de análise nesse campo.

Assim, passa-se a observar o comportamento destas expressões por uma perspectiva que considera o fato de algumas delas permitirem que a ordem de seus elementos seja alterada e outras aceitarem o acréscimo ou a substituição de seus elementos sem que o sentido idiomático seja alterado. Ou seja, a importância destas pesquisas está na exploração do caráter transformacional das *expressões idiomáticas*.

Esta nova perspectiva passou, então, a atribuir novas características para o grupo de tais expressões, a saber, a composicionalidade e a *idiomaticidade*, ambas em maior ou menor escala de rigidez.

Observem-se mais uma vez os exemplos apresentados anteriormente, agora segundo a perspectiva das duas características das *expressões idiomáticas*, citadas acima: a composicionalidade e a *idiomaticidade*.

Em termos de composicionalidade, tanto *À (De) noite todos os gatos são pardos* como *Ver passarinho verde* não admitem que a ordem de seus elementos seja alterada nem que seus elementos sejam substituídos. São, portanto, não-composicionais e, numa escala de *idiomaticidade*, expressões totalmente idiomáticas. Em *Receber bilhete azul* e *Passar em brancas nuvens* pode-se aceitar: (1) “Não demora e ele te *dá bilhete azul* (= demite).” A expressão, apesar de fortemente idiomática, não perde o seu significado (demitir), se substituirmos *receber* por *dar*, falando assim do sujeito do ato de demitir e não do objeto; e (2) “Teu aniversário, *passado em brancas nuvens*? Não acredito!” A expressão, também fortemente idiomática, admite a forma passiva em vez de somente a ativa, sem perder o significado (= esquecido, não comemorado).

A *idiomaticidade* sinaliza a relação de discordância dos significados interno ou figurado e externo ou literal das *expressões idiomáticas*. Ou seja, em *Receber bilhete azul* já sabemos que o significado interno, da expressão como um todo, é “ser demitido”; o significado externo é semanticamente vazio pois não se trata de receber qualquer tipo de mensagem num papel azul. Em *Passar em brancas nuvens*, o significado interno é “não ser comemorado ou lembrado”, como já foi visto anteriormente; o significado externo também é semanticamente vazio, já que os constituintes da expressão perderam seu significado individual. Nas duas expressões, entretanto, os constituintes *Receber* e *Passar* aparecem no significado externo da expressão: na verdade, sabe-se que alguém que é demitido *recebe* uma ordem de demissão (=bilhete azul), e que alguém que não comemora o próprio aniversário *passa* o mesmo sem festejá-lo (=em brancas nuvens). A *idiomaticidade* está totalmente concentrada nas expressões entre parênteses.

O mesmo não acontece em *À (De) noite todos os gatos são pardos*, expressão proverbial também já analisada, onde os significados interno e externo estão em total dissonância, pois nenhum dos constituintes desta expressão está usado em seu significado literal. A *idiomaticidade* abrange esta expressão na sua totalidade.

Tagnin (1989) refere-se ao “campo da *idiomaticidade*” quando, em se tratando de uma expressão, seu significado não é transparente, ou seja, como já foi visto, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos. Afirma também que *idiomaticidade* está diretamente relacionada a significado e pode ser apenas parcial, ou seja, pode existir em maior ou menor escala numa expressão. Em *mentira branca* e *fome negra*, por exemplo, só o adjetivo (*branca/negra*) é idiomático.

Assim, segundo a autora, existem *expressões* com menor grau de *idiomaticidade* e outras totalmente *idiomáticas*. As de menor grau de *idiomaticidade* abrangem tanto aquelas em que apenas um ou alguns de seus elementos são idiomáticos, como nos exemplos dados acima, quanto as expressões metafóricas cuja imagem seja de fácil decodificação, como em *ovelha negra*: neste caso, o aprendiz de PL2/PLE se beneficia da equivalência existente para esta expressão em algumas línguas – *black sheep* no inglês e *pecura nera* no italiano –, ou seja, a analogia é um fator de maior rapidez no entendimento do

significado de *ovelha negra*, a saber, uma pessoa transgressora, indesejável por um determinado grupo ou família.

Nas expressões totalmente idiomáticas, como já foi mencionado, nem sempre se pode recuperar a relação entre seu significado e a imagem aludida, como em *receber bilhete azul*, *ver passarinho verde*, *à (de) noite todos os gatos são pardos* e *passar em brancas nuvens*. No entanto, uma pesquisa linguística diacrônica, com a ajuda da etimologia, pode esclarecer a origem de muitas imagens, hoje já cristalizadas.

Construções desse tipo particularizam a língua portuguesa do Brasil, são-lhe peculiares e não se podem entender por meio de uma tradução transparente, literal. Só o professor de PL2/PLE, com seu conhecimento da história social e cultural da língua, pode explicar ao aprendiz o real significado e o contexto de uso dessas expressões.

Entretanto, como foi dito anteriormente, há limites para esclarecer a origem da relação entre esse significado e a imagem aludida já que as matrizes culturais que a geraram podem, muitas vezes, ter sido apagadas no espaço e no tempo da comunidade linguística.

2.3

Considerações sobre os recursos linguísticos e culturais para alcançar e compreender a *idiomaticidade*

Como foi visto na reflexão anterior, a *idiomaticidade*, que é um fenômeno linguístico universal (Moon 1996, *apud* Leme 2008), está diretamente relacionada à Semântica, uma vez que sinaliza o quanto um vocábulo ou expressão, num determinado contexto de comunicação, apresenta de sentido figurado/conotativo/interno, isto é, o quanto o termo ou termos perderam de seu significado literal/individual/externo.

Gibbs (2005), segundo Leme (2008), afirma que a *idiomaticidade* está ligada à noção de opacidade, ou seja, é a facilidade ou o grau de dificuldade apresentado por uma expressão idiomática durante a compreensão de seu sentido figurado. Dos termos *passarinho verde* e *ovelha negra*, o segundo é o menos

opaco, é o que mais facilmente se compreende, pelos motivos já apresentados anteriormente.

Idiomaticidade é, portanto, um fenômeno que se pode mensurar ou quantificar em total e parcial. A *idiomaticidade* total abrange vocábulos ou expressões idiomáticas, cristalizadas, provérbios, como em alguns exemplos já analisados – *à (de) noite todos os gatos são pardos, bilhete azul, passarinho verde, amarelar* –. A *idiomaticidade* parcial, onde apenas um termo é idiomático, abrange exemplos como *mentira branca, preto de alma branca, serviço de branco, fome negra*.

Em todos os exemplos de ambos os casos – *idiomaticidade* total ou parcial – não se trata de uma combinação dos significados isolados, mas de uma fusão profunda dos significados, de uma reinterpretação. Em *fome negra*, por exemplo, determina-se fome como trágica, como uma necessidade urgente do alimento que não existe ou que não está ao alcance. Também *amarelou* em “na hora de pular de asa delta ele *amarelou*”, não se refere ao pigmento da cor amarela e sim a acovardar-se, a não ter coragem. Os termos *negra* e *amarelou* (de amarelo) afastaram-se totalmente, portanto, de sua significação original.

A *idiomaticidade* é gerada e mantida em vigor a partir de matrizes culturais, cuja explicação é, como se viu, fruto de pesquisas na diacronia linguística e cultural da sociedade e nem sempre se consegue resgatar. *Preto de alma branca* ou *serviço de branco*, como já foi notado anteriormente, têm sua matriz no passado da nossa sociedade escravocrata e preconceituosa, que desprezava e diminuía o negro (o escravo), usando-o apenas para servir à conveniência do branco (o colonizador). Como a língua é frequentemente mais conservadora que a sociedade, estas expressões ainda se mantêm em vigor e seu significado ainda é amplamente reconhecido, apesar de não haver oficialmente mais escravos no Brasil desde 1888.

Foucault (1985) afirma que é no laço da representação, das palavras e do espaço que se forma silenciosamente o destino dos povos, podendo-se fazer uma história da liberdade e da escravidão a partir das línguas, ou ainda uma história das opiniões, dos preconceitos, das superstições, das crenças de toda ordem. Observem-se as expressões *ouro negro* e *sangue azul*: é evidente que questões relativas ao café (*ouro negro*, século XIX) e ao petróleo (*ouro negro*, século XX)

moveram e continuam movendo graves decisões na política e na economia do planeta; *sangue azul* (diz-se daquele de origem nobre, rica) remonta à história com a marca do preconceito social.

É, pois, através da *idiomaticidade* que é possível se explicar como funciona uma importante parte do vocabulário das línguas e como se dá a criação de novas estruturas com significados que nem sempre são literais. Estes significados desempenham um papel essencial no aumento da expressividade e da emocionalização do contexto comunicativo. Portanto, é no campo semântico da linguagem figurada que ocorrem os principais recursos para se alcançar e compreender a *idiomaticidade*.

Ullman (1967) discute a natureza da mobilidade semântica, apontando a associação de significados como condição *sine qua non* para realizá-la. Afirma que uma língua sem metáforas – semelhança entre os sentidos –, e metonímia – contiguidade de sentidos –, é inconcebível, já que estas duas forças, fontes de sinonímia e polissemia, são inerentes à estrutura básica da fala humana.

O campo metafórico/conotativo/figurado da linguagem está, pois, estreitamente ligado ao campo da *idiomaticidade* e esta será mais ou menos percebida/entendida/interpretada quanto mais ou menos se conhecer a mobilidade semântico-cultural da língua em questão. O falante ingênuo de Fillmore (1979 *apud* Tagnin 1989) deixará de sê-lo na medida em que se expuser ao contexto cultural da língua-alvo (PL2/PLE), tarefa em que o professor terá papel preponderante.

Portanto, para alcançar a *idiomaticidade* e, por conseguinte, para explicar essa grande riqueza vocabular que é o significado não literal, a língua nos oferece alguns recursos que legitimam na comunidade falante as matrizes culturais de que se falou anteriormente e que são de grande importância não só para o aprendiz de PL2/PLE como também para o professor, que, como já foi sugerido, pode ter nessa reflexão uma possibilidade de maior conhecimento e intimidade com a própria língua, a língua materna.

Dentre esses vários recursos, todos no campo da linguagem figurada, seleciono (1) a metáfora, (2) a metonímia, (3) a sinestesia. Há também (4) os hipocorismos.

A metáfora, figura de linguagem que consiste na transferência de um termo para um âmbito de significação que não é o seu (Camara 2007), tem como função pôr em destaque aspectos que o termo próprio não é capaz de evocar por si mesmo; assim, o café ou o petróleo ressaltam mais a sua importância econômica, política, social e cultural nos séculos XIX e XX, respectivamente, sendo denominados de *ouro negro*: numa relação de subjetividade a comparação mental é feita entre o ouro - metal raro, precioso e caro, e o produto de cor negra (café e petróleo), também raro, precioso e caro. O mesmo acontece em *ovelha negra* (pessoa considerada indesejável pelo grupo ou família), e em *elefante branco* (algo muito visível, difícil de arrumar ou usar devido ao seu porte grande e desajeitado).

A interpretação metafórica vem, pois, dos mecanismos cognitivos gerais, tais como o conhecimento de analogias, a habilidade de ver uma coisa como outra, o modo de conceitualizar o mundo. Tais mecanismos dão um papel crucial à capacidade mental ou conceitual do aluno de PL2/PLE.

Já a metonímia, outro recurso estilístico para alcançar a *idiomaticidade*, tem a função de destacar o que no momento é essencial no conceito designado, colocando assim uma palavra num campo semântico que não é o seu. *Verdinhas*, por exemplo, refere-se ao dólar norte-americano: o termo vale-se da cor verde das notas bancárias da unidade monetária dos Estados Unidos da América, aparecidas por etapas entre 1792 e 1863, e depois uniformizadas até 1913. Na época contemporânea, tudo que remete a dinheiro parece ligar-se simbolicamente e mitologicamente ao dólar. É normal, portanto, que a cor desta nota se tenha tornado, por excelência, a cor do dinheiro. O sufixo diminutivo *-inhas* torna o termo mais expressivo, próximo, ou desejadamente próximo e até familiar.

A sinestesia, por sua vez, recurso estilístico em que duas sensações se misturam para criar um novo significado, está presente em *branco azedo* e *amarelo berrante*. Em *branco azedo* há uma associação ou transposição de sentidos: a vista, visão (branco) a paladar (azedo). Percebe-se, pois, alguma espécie de semelhança, de mistura de sentidos entre um gosto azedo, de coisa estragada, ruim e a (falta de) qualidade daquele branco: vê-se o branco e sente-se-lhe o sabor = o gosto do branco. Em *amarelo berrante* mistura-se visão e audição: o amarelo que se percebe pela visão e *berrante* (gritante, estridente) pela

audição, criando a denominação de um amarelo muito intenso, insustentável para o olhar, que grita (ofusca) aos olhos e aos ouvidos: a sonoridade da cor.

Nestas sinestésias, os adjetivos *azedo* e *berrante* redefinem os termos *branco* e *amarelo*, respectivamente, expandindo-lhes o significado, atribuindo à cor branca e à amarela a capacidade de agir sobre nossos sentidos, mesmo que metaforicamente.

À reflexão acima acho pertinente acrescentar uma grade de oposições que, ao serem atribuídas aos termos designativos de cor, conferem-lhes maior mobilidade de significados no campo figurativo da linguagem, conforme o contexto de comunicação em que são usadas. É uma grade que foi sendo colhida e ampliada ao longo deste trabalho e que se baseia nos efeitos sensoriais e psicológicos que a cor exerce sobre nós. Observem-se os exemplos:

“Até as *cores* da crise financeira e internacional se mostrarem mais *intensas* e *ameaçadoras*, em setembro do ano passado, o Brasil parecia ter atingido seu melhor momento econômico em três décadas” (JB-A2-11/03/09).

“Para mim a *cor* mais não é do que promessa de *dureza* ou *suavidade*” (Tournier 2001).

Ou seja, as cores podem ser intensas, podem ameaçar, podem ser duras ou suaves. Eis, portanto, a grade a que me refiro sobre oposições associativas a cores:

suaves	x	duras
transparentes	x	opacas
brilhantes	x	foscas
puras	x	impuras
claras	x	escuras
luminosas	x	densas
quentes	x	frias
leves	x	pesadas
lisas	x	rugosas
femininas	x	viris
dinâmicas	x	estáticas
passivas	x	ativas
ameaçadoras	x	tranquilizadoras
surdas	x	sonoras
ásperas	x	aveludadas
com profundidade	x	sem profundidade

A cor é, pois, apreendida a par com vários parâmetros sensoriais e psicológicos. Esta associação perceptiva de significados, tão bem caracterizada pela linguagem figurada e, em especial, pelas sinestésias, existe porque as cores estão ligadas a substâncias, à natureza das superfícies, a contrastes entre objetos.

O fato de todas as oposições apresentadas serem universalmente conhecidas estimula a interculturalidade, e pode fazer com que o professor de PL2/PLE, ao associá-las aos termos designativos de cor, encontre maneiras de ampliar o vocabulário de seus alunos, estimulando-os a externar preferências, a comparar gostos, a surpreender-se (por exemplo: “Com que cores/ Como você se vestiria no desfile de Carnaval no Sambódromo? E no dia do seu casamento? O que é para você uma cor feminina/ativa/lisa/ameaçadora... Por quê?”).

É extremamente importante, pois, na interpretação da idiomaticidade das cores, o papel das sinestésias e dos fenômenos de associação perceptiva no que diz respeito aos diferentes significados compreendidos.

Por fim, hipocorismos são recursos linguísticos criados para expressar uma atitude de afetividade, carinho ou proximidade. São termos emotivo-declarativos ante a realidade, que normalmente contêm sufixos diminutivos ou aumentativos, e reduções: *pretinha, verdinhas, nego, negão, neguinho, branquinha* (cachaça).

Os recursos que a linguagem figurada oferece ao falante/aprendiz são, portanto, fundamentais para compreender os graus de idiomaticidade em palavras ou expressões em que um dos componentes é um termo designativo de cor. O aluno de PL2/PLE, ao conhecer tais efeitos e ao interpretar-lhes o significado, enriquecerá seu aprendizado e uso no contexto da nova língua e cultura a que é exposto.

2.4

Considerações sobre o ensino do tema aqui analisado aos alunos de PL2/PLE

Várias são as razões para ensinar os alunos de PL2 a compreender e a usar a idiomaticidade das cores em palavras e expressões num determinado contexto de comunicação.

Segundo Nattinger (1992), as expressões idiomáticas, que ele, como já vimos, também chama de expressões pré-fabricadas ou padronizadas, fazem parte do processo de aquisição de uma língua, seja ela materna ou outra.

Ao começar a falar a língua materna, é comum a criança usar termos como “tá lindo”, “qué pão”, “tudo meu”, “émaélo”, “fucinha cola”, “péta não”, “meia tá fio”². Este é um estágio em que ela usa um certo número de sentenças linguísticas não-analisáveis, em determinados e previsíveis contextos sociais. Aos poucos ela vai ouvindo e produzindo frases semelhantes, e vai aprendendo a usar outros padrões, até segmentá-los em palavras individuais e, posteriormente, internalizar regras de sintaxe.

Ora, a aquisição de uma segunda língua, segundo Nattinger, acontece de modo análogo, e a linguagem pré-fabricada ou padronizada, da qual fazem parte as expressões aqui estudadas, é fundamental nesse aprendizado.

Assim, por exemplo, com as expressões *pretinho básico*, *partido verde*, *alvinegro roxo*, *o que seria do azul se todos gostassem do amarelo*, poder-se-ão fazer substituições ou segmentações do tipo: cineminha, lanchinho, escovinha, ... *básico/a*; caminhada, economia, ... *verde*; botafoguense, rubronegro, tricolor, vascaíno, ... *roxo*; o que seria do verde, do João, ... se todos gostassem do vermelho, do Pedro, ... Estes são apenas alguns exemplos de expansão vocabular. É evidente que outros virão, de forma abrangente, ultrapassando as expressões com cores.

Essa possibilidade de substituição ou de segmentação nas expressões padronizadas faz com que o aluno exerça a sua criatividade e, ao “brincar” no nível lexical, vá construindo expressões semanticamente equivalentes que o motivem a manter uma conversação coerente e, aos poucos, vá ganhando fluência. As regras gramaticais virão, mas depois, já que, segundo Nattinger (1992), a conversação é um evento social e não um exercício de gramática.

É importante que o professor saiba que esta prática deve acontecer dentro de vários contextos de comunicação, de modo que os alunos tenham a oportunidade de adquirir a necessária competência pragmática que os levará a

² Falas de Helena Abrantes Pini, aos 2 anos e 2 meses de idade, em julho de 2009.

selecionar apropriadamente determinadas estruturas linguísticas para determinados usos conversacionais.

Espera-se, pois, que este estudo possa contribuir para as aulas de PL2/PLE e, de alguma forma, possa incentivar o professor a criar mais material didático e novas estratégias para o ensino do tema aqui apresentado.